

Mundus Immundus**Texto de Nanna de Castro**

*nannadecastro@gmail.com***SINOPSE:**

Um drama policial com momentos de humor. Conta a história de Cabrita, uma catadora de lixo que é investigada sobre um corpo de mulher encontrado no lixão. Durante a narrativa, Cabrita e a mulher vão se confundindo, se tornando cada vez mais parecidas, até chegarmos a um desfecho surpreendente. Qual das duas terá morrido? Mundus Immundus é uma peça teatral de 50 minutos que discute uma das questões mais importantes deste novo século: o lixo nas suas mais variadas concepções. Propõe uma reflexão acerca dos lixos que cercam e habitam o ser humano: a falta de qualidade, a massificação, a superficialidade, o descartável assim como o reciclável, o aproveitável, o lixo como fonte de vida.

Mundus Immundus

Texto de Nanna de Castro

nannadecastro@gmail.com

“No centro da cidade de Roma, Rômulo ergueu um altar sobre um fosso chamado Mundus, e ali acendeu um fogo. Este lugar sagrado era o centro do universo onde Céu, Terra e Inferno se comunicavam entre si. Sagradas eram todas as coisas que giravam em torno do Mundus. Impuro e sujo era tudo que gravitava fora deste círculo ou se colocava contra ele. A estas coisas chamou-se I-mmundus”.

Cena 1

Meia luz. O cenário é uma metáfora do lixo. Vemos um amontoado de sacos azuis cheios de lixo, caixotes, tambores, pneus de onde vemos surgir coisas estranhas: três TVs ligadas com chuviscos na tela, pedaços de prédio, livros, uma mala velha, alguns manequins de loja... Há lixo espalhado também pela platéia. No meio de tudo uma mulher usando roupas pobres fuça o lixo como um animal. Ela vai encontrando roupas no lixo, sapato, e vai se vestindo e se transformando em Cabrita, uma catadora de papelão. De repente pega um dos manequins de loja. Ela dança abraçada a ele pelo cenário. Cabrita faz uma espécie de pedestal de caixotes e coloca o manequim em cima. Foco se acende sobre o manequim. Cabrita tira seu casaco e veste no manequim. Enquanto esta cena acontece ouvimos a voz de uma mulher em off.

Voz de mulher:

- Há muitos anos fascina-me o universo do lixo. Desde a adolescência um poema do Bandeira martela-me a cabeça como um sino de igreja: "Vi

ontem um bicho na imundície do pátio catando comida entre os detritos. Quando achava alguma coisa, não examinava nem cheirava: engolia com voracidade. O bicho não era um cão, não era um gato, não era rato. O bicho, meu Deus, era um homem.". Este foi o primeiro texto que anexei à minha pesquisa.

Cabrita vem até o manequim com uma echarpe vermelha na mão. Coloca a echarpe delicadamente em volta do pescoço do manequim. Se afasta e olha com admiração. Seu sentimento vai se transformando em raiva. Vai até o manequim, faz um laço com a echarpe em seu pescoço e aperta com força como se o enforcasse.

Cena 2

Tira novamente o casaco do manequim e veste em si. Caminha para a outra extremidade do palco onde há uma pilha de jornais. Vai olhando meio hipnotizada para o manequim. Foco se apaga sobre o manequim, Cabrita para diante da pilha de jornais e fala para a platéia, está tensa e dispara as palavras como uma metralhadora.

Cabrita:

- Imagina! - Eu falei pro seu polícia, - Eu num sou capaz de matar nem uma mosca quanto mais uma pessoa, o senhor tá enganado, aliás, será que o senhor podia me deixar eu pelo menos dar uma olhadinha nela? É que ela num tá acostumada a ficar assim sozinha sem eu é só uma olhadinha rápida... Onde é que ela tá, heim? Tá ali naquele pátio lá de fora, tá? - O

Seu Polícia enrolou o bigodão dele com a pontinha dos dedo e fez uma cara de que tava doidim pra me meter a mão né? Aí ele falou: senta aí e calaboca. (*Cabrita cai sentada na pilha de jornais*) Quero dizer, calaboca mas responde o que eu perguntar! – Pois não, sim senhor. Documento de identidade?... Num tenho não senhor. Meu nome?... Já falei com o senhor, é Cabrita. Ca-bri-ta... Cabrita de quê?... Pode por só Cabrita que tá bom... Precisa por sobrenome, é? Então vai ser difícil. O senhor tá nervoso?... Desculpa, eu vou colaborar, o senhor vai ver... Profissão? Carrinheira... Com dois "r". É profissão sim. Se o senhor quiser pode colocar também Burro sem Rabo... Num tô brincando, não. Pode escrever aí, Burrro... Meu nome? Mas eu já falei um montão de vez... é Cabrita. Endereço? Eu morava no meu quartinho lá no ferro-velho, agora tô morando na rua... Qualquer rua. Família? Não tenho não. Mãe e pai morreram e os irmão sumiram aí no mundo... Certidão de nascimento? Num tenho também mas o dia do meu aniversário eu sei... - Ai o Seu polícia apelou e deu um gritão: assim num dá pra preencher a ficha minha senhora!! Ai eu perguntei baixinho assim com medo de irritar ele mais: porque que não dá pra preencher a ficha? – Porque para a lei a senhora não existe, é isso, a senhora não existe! Ai eu falei mais baixinho ainda, com medo dele encher a mão na minha cara: já que eu num existo, será que eu podia ir embora?

Cena 3

Luz sobre o manequim. Foco se apaga sobre Cabrita e se acende no lixão.

Enquanto a mulher fala, Cabrita ressurgue no lixão fuçando tudo.

Voz de mulher:

- Acabo de anexar às minhas pesquisas um artigo do filósofo Gilberto Kujawlski. Nele o filósofo nos conta que no centro da cidade de Roma, Rômulo ergueu um altar sobre um fosso chamado Mundus, e ali acendeu um fogo. Este lugar sagrado era o centro do universo onde Céu, Terra e Inferno se comunicavam entre si. Sagradas eram todas as coisas que giravam em torno do mundus. Impuro e sujo era tudo que gravitava fora deste círculo ou se colocava contra ele. A estas coisas chamou-se immundus.

Luz se acende sobre o lixão. Cabrita continua fuçando nas coisas.

Cabrita:

- (*Para a platéia*) Então, tava eu lá naquela delegacia cheia de bandido, marginal, assaltante, travesti, tarado, soldado, delegado... E eu vou dizer pra você: eu num tinha feito nadinha de ruim. A única coisa de ruim que eu fiz na vida foi nascer pobre, depois disso eu só fiz coisa boa. Mas então tava eu lá por causa de uma dona que sumiu, morreu, sei lá... – Imagina eu ser capaz de tirar a vida de alguém, Doutô?! Eu nem sei quem é essa mulher que o senhor tá falando. – Ele chegou a cara bem pertinho da minha assim, chegava a espumar no canto da boca e falou que nem um cachorro rosnando – Não mente, Dona Cabrita, não mente que é pior.

– Ele falou isso e olhou com o rabo de olho pro pátio... – Tá bom, tá bom... Eu conheci a dona sim. Foi um dia que a gente tava no lixão dando uma garimpada... um dia morno, sem graça, um dia que a gente acha que vai começar e acabar igualzinho aos outro... Tava eu e a Misericórdia quando a tal Dona apareceu...

Cena 4

Começa a tocar bem alto a música Non Je ne Regret Rien de Edith Piaf.

Cabrita junta jornais velhos numa pilha e canta junto fazendo uns sons com a boca que se aproximam da letra da música. Dá pra perceber que ela já ouviu aquela música milhares de vezes. Fala para a coxia como se alguém lá a escutasse.

Cabrita:

- É, Misericórdia, hoje a coisa tá difícil mas num tá ruim não.. Tem que saber achar o lixo, né? Tem que ter olho pra enxergar o lixo. E separar o lixo do lixo. *(Começa a juntar jornais espalhados)* Hoje num tem ferro mais tem papel, ó! Jornal é um lixo bom. A gente, além de ganhar um dinheirinho pode dar uma olhada por cima assim no que tá acontecendo. É como se a gente visse as coisa que já passou... Tem lixo que vale a pena carregar e tem lixo que é lixo mesmo. *(Mostra a pilha de jornal)* As coisa que a gente pode transformar, a gente leva. Mas tem coisa que não vira nada e a gente tem mais é que largar pra trás... *(Volta no assunto)* Sabe quanto tá o quilo do jornal, Misericórdia? É dez real. *(Fecha os olhos)*

e sente o peso do jornal) 3 quilo e meio... Não... (Sente melhor) 3 quilo quatrocentos e cinqüenta.. Eu sei... 30 ano de profissão! (T) O melhor mesmo num é o jornal né, é o alumínio. Bateria e radiador então é o top. Num é assim que se fala? É o top da sucata. É... eu sei porque eu leio as coisa, Misericórdia... Cê sabe que tem gente que acha que eu sou doida, que eu falo sozinha? Ô povinho burro, num tão vendo que eu tô falando com você Misericórdia?

Cabrita puxa sua carroça da coxia. É uma carroça de madeira toda enfeitada, cheia de fitas amarradas, fotos coladas. Há um system velho pendurado na carroça tocando uma fita com a música da Edith Piaf. Cabrita abaixa um pouco a música. Ela está colocando a pilha de jornais na carroça quando pára e olha incomodada.

Cabrita:

- Quê isso Misericórdia? Parece que cê tá desbeijando assim pro lado. Será que perdeu a porca de novo, criatura?

Cabrita examina a carroça. Pega uma chave inglesa no bolso e aperta um parafuso próximo à roda.

Cabrita:

- Perdeu não. Só afrouxou outra vez. Ô parafuso nojento, acho que tá perdendo a rosca, Misericórdia. Já troquei essa porca mais de mil veiz e não tem jeito. Meu pai falava que porca é igual aliança de casamento, com o tempo o parafuso vai gastando, gastando e a tendência é a bicha

escapular do dedo. Era um safado aquele meu pai... Aquele ali não tinha porca que segurasse o parafuso dele. Minha mãe vivia repetindo que homem é tudo igual, que é tudo uns traste. Vai ver que é por isso que ela nunca largou ele, né? Pelo menos era um traste conhecido.

Cabrita aperta a porca. Vai se afastando da carroça para checar seu alinhamento. Foco vai se acendendo sobre o manequim. Cabrita vai andando de costas em direção ao manequim.

Cabrita:

- Deixa eu ver se ficou bom... Parece que agora alinhou...

Cabrita pára e fala para a platéia.

Cabrita:

- Então foi assim... Tava eu lá no lixão ganhando o meu dia em paz quando apareceu do nada uma mulher com uma roupa bonita, o cabelo bem penteado e com uns oclinho de gente inteligente, e ficou olhando pra nós...

Cabrita tira do bolso um óculos de aro preto e lentes quadradas e coloca no manequim. Volta para sua posição.

Cabrita:

- Eu num tô acostumada com ninguém me olhando... Eu ando essa cidade toda revirando os lixo e ninguém me vê. Cê já me viu? Nunca. Tem duas

coisa que vai fazendo a gente ficar invisível: idade e pobreza. (*Cai na risada*). Pois então, a mulher me viu... E ficou me olhando...

Cabrita continua andando para trás examinando a Misericórdia até trombar com o manequim. Leva um susto.

Cabrita:

- (*Para o manequim*) Desculpa, aí... Que susto, Jesus!... A senhora tá procurando alguma coisa?... - Ela falou com uma cara de nada assim: Não. Mais nada. Eu achei esquisito uma mulher daquela plantada lá no meio do lixão. Mas hoje em dia acontece tanta coisa esquisita no mundo que eu acho é tudo normal. E ela plantou lá e ficou me olhando.

Cabrita volta a fuçar o lixo cantando mais alto. A mulher continua a observá-la. Cabrita vai ficando incomodada.

Cabrita:

- Eu tenho a maior inveja de artista de teatro que sabe fazer as coisa com gente olhando... Eu num sei não, eu perco o prumo, sabe... - A senhora vai ficar parada aí me olhando? - Eu, heim, cada doido que aparece...

Cabrita desliga o rádio. Vai saindo com sua carroça meio desconfiada.

Cabrita:

- Heim? Conversar? Conversar o quê? - Naquela mesma horinha meu coração já falou: problema! Uma mulher bonita, bem arrumada, com aqueles oclinho, querendo conversar??... Quando o meu coração começa a bater aqui na barriga é problema! Eu queria ir embora, juro, mas a dona olhava pra mim de um jeito... como se eu fosse importante ... Sabe quando a gente olha um peixe vermelho dentro do aquário? Era como seu fosse um peixe vermelho nadando dentro do olho dela.

Cabrita vai andando com a carroça como se a mulher a seguisse.

Cabrita:

- Conversar? Conversar o quê?... Da minha vida?? Ih, eu heim? - E a dona andando atrás de mim... - Minha vida num tem nada pra falar não Dona e depois eu tô com uma pressa danada. - Pensei, aqui ó! Gente rica interessada em pobre ou é ano de eleição ou é problema. Comigo não, gavião! Eu ia andando rápido por dentro, mas as perna ia devagar. *(Os olhos dela se iluminam)* Me filmar? *(Sorri encabulada, passa a mão no cabelo)* Isso aí é máquina de filmar? Eu achei que era de tirar foto, tão pequenininha... Pra quê que é mesmo? Trabalho da senhora? Vai passar na televisão? Pode mais só se for bem rápido viu que eu tô com pressa... *(Cabrita fica toda tensa com um sorriso meio falso no rosto posando como se fosse tirar uma foto)* Tá bom assim?... Ah, pode continuar andando normal?... Tá bom... A senhora filma a carroça também, tá? Tá dando pra ver que tá bem limpinha? A carroça? A senhora é da Prefeitura? Não. É Misericórdia o nome dela, da carroça. O meu é Cabrita. Meu nome

mesmo? É Cabrita uai, Ca-bri-ta. Meu pai que deu... Conversar da minha vida? *(Sorridente)* Não quero não senhora. Sabe que que é, é que eu tô com pressa mesmo viu e depois a minha vida num enche uma página de caderno. – Ela perguntou: que que cê leva aí dentro dessa carroça? – Um montão de coisa... Mas é tudo tranqueira. Até logo, viu?! - Falei isso porque o coração tava gritando lá dentro: vai embora Cabrita. Sai fora! Corre enquanto é tempo. Corre Cabrita, corre Cabrita, corre...

Cena 5

Black out. Começam a passar nas TVs que estão no meio do lixo imagens em planos bem fechados de catadores de papelão sendo entrevistados, não ouvimos o entrevistador. Eles falam e continuam trabalhando. Enquanto isto acontece, ouvimos a voz da mulher.

Voz de mulher:

- Quanto mais leio sobre os lixos do mundo mais friamente observo o ser humano, esta obra prima do Criador, este dono do planeta, o inventor da verdade, o único animal que reconhece seu reflexo no espelho, um bicho que pensa a si mesmo. Nietzsche, um filósofo alemão, dizia que o homem enterra seus mortos para não ver que de sua decomposição pode brotar uma nova vida. Afinal de contas, esta maravilha da genética não poderia imaginar que a morte ao invés de transformá-lo em anjinho pudesse transformá-lo em adubo.

Cena 6

Cabrita anda como que hipnotizada em direção a uma das TVs. Fala enquanto toca carinhosamente a tela da TV.

Cabrita:

- Vou dizer uma coisa: até aquele dia ninguém tinha querido saber da minha vida não. Até os meus amigo lá do ferro-velho, ninguém nunca me perguntou se eu gostava da vida que eu levo. Mas a mulher perguntou: cê gosta de viver assim catando lixo?

As TVs se apagam. Cabrita vira-se para a platéia.

Cabrita:

- Eu abri a boca pra responder, não saiu nada. É por isso que eu não gosto de pergunta: tem coisa que a gente só vai descobrir que num sabe quando alguém pergunta. E aí a pergunta fica que nem uma pulga pinicando dentro da calça da gente. Só sossega quando você responde. Eu fiquei matutando com a boca aberta: e me deu até um medo de descobrir que eu não gostava de catar lixo. E a mulher gravando tudo, e eu com a boca aberta sem conseguir falar "gato". Aí eu pensei: essa mulher bonita, cheia da grana, deve tá doidinha para eu falar que não gosto, e fazer aquela cara de tristeza, de repente até eu choro e depois aparece tudo no jornal à noite. No jornal sempre tem um pobre chorando. Eu não! *(Faz uma banana)* Aqui ó pra ela!... Enchi o peito e falei *(Para o*

manequim) Gosto sim senhora, gosto sim! Tem tanta coisa boa no lixo que a senhora nem imagina. Ó, essa fita que tá tocando na carroça, num é lindo, pois então, tava no lixo. A senhora nem imagina as coisa importante, as coisa linda que eu já achei no lixo. Tá tudo ali na Misericórdia... Trinta ano... De idade? Não. Trinta ano catando lixo... Eu lembro direitinho a primeira coisa que o lixo me deu...

Cena 7

A luz vai caindo fica apenas um foco sobre ela e outro sobre o lixão. Cabrita tapa os olhos com as duas mãos e começa a contar. Enquanto conta vai voltando à sua infância.

Cabrita:

- 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10... Já vou!..

Cabrita procura no meio do lixão. Acha uma cabeça de boneca de plástico: vem correndo e bate a mão na parede.

Cabrita:

- 1,2,3 na Imaculada dentro do tambor...

Procura um pouco mais, arreda os sacos. Pega outro pedaço de boneca, vem correndo e bate na parede. Vai colocando os pedaços da boneca juntos.

Cabrita:

- 1,2,3 no Zico debaixo da caixa de papelão...

Procura mais.

Cabrita:

- Geraldo e Catarina tão atrás do monte grande de pilha de jornais de plástico... Tô vendo sua cabeçona aí Catarina, pode sair...

Traz outros pedaços de boneca. Cabrita senta-se no chão e começa a emendar os pedaços da boneca. Fica faltando um braço. Cabrita conversa com a boneca. Aperta sua mãozinha.

Cabrita:

- Oi, muito prazer, eu sou a Cabrita, e você? *(Faz a voz da boneca)* Eu sou a menina sem braço. *(Cabrita)* Nossa, como é que você ficou sem braço? *(Boneca)* Ihhh, é uma longa história. Era uma vez uma menina que tinha dois braço, duas perna, dois olho, duas orelha... e tinha uma casa muito linda com sofá, com geladeira, com fogão e tinha também uma mãe muito linda e usava um vestido branco muito lindo. Um dia a menina queria ir passear num lugar muito longe lá onde mora o príncipe encantado. Aí a mãe dela falou que não podia porque no caminho tinha um lobo mau, mas a menina queria tanto ir que ela saiu correndo e a mãe dela segurou o braço dela com tanta força que pum! o braço arrancou, caiu no chão e sumiu. Aí a mãe dela falou que era bem feito e que agora a menina ia ter

que passar a vida toda procurando o braço. E que todo vestido que a menina vestisse ia ficar feio porque ela ia sempre achar que tava sobrando uma manga. Você viu o meu braço? *(Cabrita)* Não. *(Boneca)* Você me ajuda a encontrar o meu braço?

Cabrita acena afirmativamente com a cabeça. Luz se acende sobre a carroça e o manequim. Cabrita coloca a boneca dentro da carroça e volta a falar com a mulher.

Cena 8

Cabrita:

- Essa boneca, tem quase trinta ano que eu achei ela no lixão que eu vivia lá em Sabará. Já encontrei um monte de bracinho mas nenhum serve...

Cabrita vai saindo com a carroça em direção à coxia.

Cabrita:

- Contar mais?... Ah não, agora chega! ... – A mulher abaixou a camerazinha e riu pra mim - Se eu venho sempre aqui?

Cabrita vai saindo com a carroça de cena.

Cabrita:

- Vir eu venho, mas não tenho tempo pra ficar jogando conversa fora não viu?

Foco vai se apagando sobre o manequim. Cabrita coloca Misericórdia na coxia e volta para a pilha de jornais.

Cena 9

Cabrita:

- Então foi isso, Doutô, falei isso e fui embora, nem olhei pra trás, juro. Agora eu podia ver a Misericórdia? ... Eu vejo só um pouquinho. É que ela tem esse problema na roda e se os polícia do senhor puxar ela com força ou então encostar alguma coisa nela... Ela já e velhinha sabe... Mas eu tô colaborando... Meu nome?... Ai, minha nossa! É Cabrita, Doutô... Num tô brincando... Eu sou a Cabrita e ela é a Misericórdia Divina, minha carroça... Meu pai que fez pra mim... Morreu sim, mas ele fez quando tava vivo né? Nome do meu pai? João... João de quê? João da Nena. Nena era a minha Vó. Minha mãe? Misericórdia Divina... Era o nome dela, juro... Mas ela só gostava que chamava ela de Divina. – Aí o delegado deu aquela risada – Quer dizer que você é Cabrita e sua mãe era Misericórdia Divina?? – Ficou uns 2 minuto rindo, aí os polícia tudo que tava na sala começaram a rir junto, aí eu comecei a rir junto também. Achei que era pra rir, uai... Ele veio andando rindo pro meu lado, e eu rindo, e ele PAF, deu um tapão na minha cara que ficou tudo dormente desse lado... - Você encontrou a mulher de novo? – Ele falou – Encontrei sim senhor... –

Depois daquele tapão, mesmo que eu nunca mais tivesse visto aquela dona eu tinha respondido que sim. – Vi de novo sim senhor, ela começou a aparecer lá no lixão toda semana e eu não queria, juro que eu não queria, mas quando eu via já tava contando minha vida todinha pra ela...

Cena 10

Cabrita corre e senta-se aos pés do manequim.

Cabrita:

- Tá bom... eu vou contar só mais uma história... de quando eu era pequena... Xô ver... Uma vez a gente foi eu, meu pai e a minha mãe num parque que tinha uns cabritinhos puxando umas carrocinha. As crianças iam tudo sentada dentro da carrocinha e o cabritinho puxando. Tinha cada carrocinha linda: uma era cor de rosa, a outra era azul clarinho. E eu perguntei assim: como pode um cabrito tão pequenininho dar conta de puxar esta carroça tão pesada e ainda cheia de criança? E meu pai falou que o cabrito por dentro é mais forte do que por fora. Daí pra frente meu pai só me chamou de Cabrita, e eu nem me lembro de como ele me chamava antes. E eu fiquei pensando naqueles cabritinho, que quando os dono soltava eles, eles iam lá pro alto do morro e ficavam com a cabeça erguida assim como se quisesse furar o céu com os chifre... No topo do mundo... (T) Nossa, já tá ficando de noite...

Cabrita se levanta e vai andando em direção à pilha de jornais.

Cabrita:

- Agora a gente precisa ir andando. Senão eu chego no ferro-velho tarde e perco a hora de tomar banho. E tomar banho pra mim é sagrado. - E assim foi. A dona perguntava e eu respondia. E ela queria ver as coisa que eu carrego na carroça, mas eu num mostrava não: é intimidade. E a dona gravava tudo, tinha hora que ela puxava um gravadorzinho da bolsa e falava nele umas coisa difícil, uns nome difícil, umas palavra bonita... Eu espichava a orelha mas não entendia nada, sabia que era bonito e que era coisa do trabalho dela... E eu fui acostumando com ela, e o medo foi passando e eu comecei a achar que cada dia ela tava um pouquinho diferente do começo...

Cabrita senta-se na pilha de jornais.

Cena 11

Cabrita:

- Diferente como?? - Perguntou o Seu Polícia... - O senhor vai achar que eu sou doida mas... - Mas o quê, minha filha, fala logo, desembucha! - Quer dizer, o senhor já acha que eu sou doida, agora vai ter certeza... - Você tá me provocando...! - É que ela foi ficando assim parecida... parecida com... parecida com a gente, com o lugar... - (*com ironia*) É claro! Uma grã-fina aparece lá no meio do lixo onde a senhora vive...- Eu num vivo no meio do lixo. - Calaboca! Uma grã-fina aparece no meio do lixo onde a senhora

vive e vai ficando assim parecida com o lixo... E de repente ela some...
Vai ver ela virou um saquinho azul cheio de comida, ou uma bolinha de papel amassada...

Cabrita acha engraçado e dá uma risada. O riso vai sumindo do seu rosto.

Ela volta a ficar tensa.

Cabrita:

- Será que eu podia, pelo amor de Deus agora dar uma olhada na Misericórdia? Eu só quero dar uma olhadinha nela. O senhor me deixa um pouquinho com ela e depois eu volto... - Naquela hora quase que eu perco o controle e bagunço tudo. O Seu Polícia falou: que que tem nessa carroça que a senhora quer tanto dar uma olhadinha? - Tem meus trem, uai? Tudo os meus trem, a minha vida. Senhor acha pouco? - Mas ele num deixou. Continuou aquela perguntação: e o que que a senhora fez depois, por onde a senhora andou, com quem a senhora andou...
Engraçado, depois de baterem na cara da gente ficar chamando a gente de senhora. - Eu num me lembro, Doutô, acho que eu deixei a dona e andei por aí. Tem dias que eu ando por aí meio sem rumo...

Cena 12

Cabrita vai até a coxia e puxa a carroça. Liga seu system desta vez ouvimos uma rádio de músicas evangélicas. Ela segue cantando junto e andando pelo cenário. As TVS são ligadas, está passando um programa destes bem trash que

exploram a violência como o do Ratinho. Cabrita para diante de uma das TVs e fica olhando aquilo hipnotizada. O som do rádio e das TVs se misturam numa cacofonia irritante.

Voz de mulher:

- Mundus Immundus, mundo imundo, clamava Tertuliano no século II da era cristã, indignado com as torpezas morais do seu tempo e de todos os tempos. Lixo sempre houve. A diferença é que agora desenvolve-se a cultura do lixo. Montou-se uma verdadeira indústria do lixo, no sentido literal e figurado, para processar a matéria prima do crime, do vício, da indigência mental, do obscurantismo, da desinformação, do mau gosto e da corrupção. Este é o mundo onde vivemos, sobrevivemos: Mundo Imundo, clamamos, mas já nem somos capazes de nos indignar.

Cabrita continua algum tempo como que paralisada diante das TVs. Black-out. TV e rádio são desligados.

Cena 13

Foco acende-se num canto do palco onde há um pequeno biombo aberto todo forrado com fotos recortadas de artistas, políticos, gente importante. É o quartinho de Cabrita. Cabrita deixa a carroça na porta, tira dela um saco de linhagem e entra em seu quartinho. Joga o saco e deita-se no chão, exausta.

Cabrita: *(Fala alto)*

- Nina, cê tá aí??... Ô Saturnina! (*Bate a mão no biombo*) Será que já tá todo mundo dormindo nesse ferro-velho? (*Vira para o outro lado*) Seu Melclíde! (*Fala consigo mesma*) Ih, Misericórdia, acabamo chegando tarde demais. Num vai dar nem pra tomar banho. Credo, dormir fedida é ruim. Eu detesto ficar fedida.

Cabrita vai tirando coisas do saco de linhagem: uma maçã, um pacote fechado de bolacha, umas revistas velhas...

Cabrita:

- A mãe já dizia: num é porque a gente vive do lixo que tem que virar lixo. (*Limpa a maçã na perna da calça*) Mas eu tenho medo de ir lá no banheiro sozinha no escuro... Sei lá se tem um home lá... Um traste dum home. (*Morde a maçã e começa a cantar uma música de coroação de nossa senhora*) "Mãezinha do céu, eu não sei rezar, só sei repetir, eu quero te amar. Azul é seu manto, branco é seu véu, eu quero ser sua mãezinha do céu... Eu quero ser sua mãezinha do céu..."

Cabrita vê uma barata. Tira seu sapato lentamente e tenta dar umas sapatadas na barata que foge.

Cabrita: (*fala com Misericórdia enquanto procura a barata*)

- Ô bicho engraçado é barata, uma coisinha desse tamaninho e deixa a gente apavorado. Cê sabe por que até home parrudo tem medo de barata, Misericórdia? Eu sei. É que barata vem quando fica escuro:

igualzinho fantasma. Elas vem lá dos esgoto e faz a gente lembrar que aqui em cima é tudo bonitinho mas ali embaixo, logo debaixo do pé da gente tem um esgoto cheio de porqueira que a gente não quer ver. O esgoto fica lá fechadinho debaixo da terra, mas a barata não. Quando a gente tá bem dormindo ela vem subindo, vem subindo, até achar um burquinho e entrar no mundo limpinho e arrumadinho da gente. *(Cabrita abre o pacote de bolacha e começa a comer uma)* E o que é pior: barata não fala a mesma língua que a gente, você dá aquele gritão e em vez dela fugir, ela corre pro seu lado. Se for daquelas que voa então tá danado: elas vêm batendo as asa toda faceira e pousa bem no cabelo da gente achando que é borboleta. Aí você dá um tapão nela e ela voa desorientada e pousa na sua parede branquinha. Aquele baratão... Aí você pega o chinelo e pensa: vou dar uma chinelada nela. Mas se você matar a danada vai ficar toda as meleca dela na parede. *(apontando sua parede)* Outro dia pousou uma bem na cara do Tarcísio Meira... Espertinha... Ficou lá parado em cima do nariz do Tarcísio Meira. E eu doida pra dar uma butinada nela, mas cê acha, Misericórdia, que eu ia matar uma barata no nariz do Tarcísio Meira?? Aí você corre e vai buscar um inseticida e quando volta... Cadê barata? Sumiu. Será que foi embora? Será que se enfiou em algum canto e vai esperar você dormir? Aí você revira a casa toda atrás da barata e não acha. Vai pra cama, deita e fica ouvindo o barulhinho dela, tick, tick, tick, em todo lugar. Como é que a gente vai ser limpa se quando a gente tá dormindo pode vir uma barata e beijar a boca da gente?... *(Cabrita estica a mão com um pedaço de bolacha para a barata)* Vem baratinha, vem com a mamãe, vem! *(Cabrita*

vê a barata vindo, tira lentamente o sapato do pé) Olha que lindinha a baratinha, vem cá, vem! Olha que coisa mais peludinha balançando a anteninha... Pode vir comer o biscoitinho... Vem...

De repente Cabrita pula sobre a barata e bate o sapato no chão como se a matasse. Bate várias vezes o sapato com uma raiva exagerada e sem controle. Calça o sapato e volta meio desnorteada para o foco de luz onde está a pilha de jornais. Agora parece muito cansada e angustiada.

Cena 14

Cabrita:

- Eu num matei ninguém. Eu num matei ninguém... E daí que acharam um corpo. Acharam onde? No lixão? E era da Dona? Era de mulher, é? Mas era a Dona?... Como é que eu vou saber? Vocês é que têm de saber, vocês num é a polícia? Eu num sei nada de gente morta não. De vez em quando eles larga um presunto lá no lixão, mas o que que eu tenho com isso?... Eu quero ir embora... Eu preciso ir embora...

Cena 15

Cabrita se apavora e corre pelo palco, acaba trombando no manequim que cai no chão. Cabrita se assusta. Ela reergue o manequim, afrouxa a echarpe do seu pescoço e veste nele seu paletó. Entram nas TVs outras imagens de Catadores de Papelão que falam do seu dia a dia. Cabrita no palco vai repetindo como se

tentasse imitar as falas dos carroceiros dentro das TVs. Ela olha com atenção e repete tentando imitar os gestos em seus mínimos detalhes.

As TVs são desligadas. Cabrita vai novamente até o manequim. Torna a apertar-lhe a echarpe no pescoço com força e veste novamente seu casaco.

Cena 16

Volta para seu quartinho, se agacha no lugar em que matou a barata e fala com ela.

Cabrita:

- Pra depois cê vim beijar minha boca de noite? Aqui ó! Matei mesmo. Cê viu, Misericórdia, que bitela?... Veio toda safadinha rebolando comer bolacha e eu PAU! nela. Eu tenho dó, sabe, afinal é um ser vivente como todo mundo. Mas é um bicho sujo. Minha mãe falava: num é porque a gente vive no lixo que tem que ser sujo. (T) E eu que vou dormir sem tomar banho... E se eu desse uma corrida até o banheiro?... Neeeeem! Vai que tem um homem... A Dona me perguntou se eu tinha namorado, cê viu Misericórdia, eu falei que não, né... Num tenho mesmo... que Dona mais entrona na vida dos outro... Fica querendo saber o que que eu carrego dentro docê, Misericórdia, tem base isso?... Bom... Vamo dormir então...

Cabrita pega o saco que está no chão e usa como travesseiro. Fecha os olhos. Tenta dormir mas está incomodada. Se coça.

Cabrita: *(Abre os olhos)*

- Será que eu tô fedendo?... Ai, minha nossa, eu precisava tomar um banho... (T) Amanhã cedo eu tomo... (T) Eu vou lá no banheiro, pronto!.. (T) Bobagem, vou ficar fedendo mesmo, o fedor da gente a gente num sente... (T) O pior é essa sensação de sujo... Pronto, agora perdi o sono!... Ô inferno... (T) Já sei...

Cabrita tira uma garrafinha de plástico com um pouco d'água de dentro do saco. Tira um lenço do bolso. Molha o lenço e tenta se limpar com ele como pode.

Cabrita:

- ...não é porque a gente vive do lixo que a gente é lixo...

Voz de mulher:

- Estou de novo aqui num lixão da periferia onde tenho registrado o trabalho de catadores de lixo que vivem na linha da pobreza. Diariamente alguns deles arrastam carroças de até trezentos quilos por mais de quinze quilômetros. Mesmo assim raramente os percebemos. Eles promovem um trabalho silencioso e fundamental de limpeza e reciclagem que diminui o volume final do lixo e impulsiona a indústria. Eles fazem do Brasil um dos maiores recicladores de alumínio do mundo. E nós mal os distinguimos do lixo que eles carregam.

Cabrita, finalmente está limpa.

Cabrita:

- Agora sim, virei gente! Boa noite, Misericórdia...

Cabrita se encosta no saco e cantarola a música “Mãezinha do céu, eu não sei rezar, só sei repetir eu quero te amar...” Entram nas TVs imagens de crianças vivendo no lixo. Cabrita adormece.

Cena 17

Mudança de luz. Gelo seco se espalha pelo cenário. Um coro de meninas continua cantando a música que Cabrita cantava. A cena ganha uma luz de sonho. Cabrita abre os olhos. Estranha o lugar. Cabrita anda pelo meio do lixo tentando reconhecer o lugar. Luz vai subindo sobre o manequim. Cabrita vê o manequim.

Cabrita: *(Para o manequim)*

- Mãe? Mãe é a senhora?

Cabrita corre em direção ao manequim. Pára diante dele.

Cabrita:

- Sou eu mãe, a Cabrita!... *(Feliz)* A senhora veio me buscar pra me levar pro céu, é?!... *(Escuta a mãe e fica triste)* Por quê, mãe, por quê que eu não posso entrar no céu? Mas eu não tô suja. Não tô não, pode olhar... Tem que ter vestido branco pra entrar no céu? ...

Cabrita começa a procurar desesperadamente um vestido branco no meio do lixo.

Cabrita: *(Revirando o lixo)*

- Vestido branco... Vestido branco... Espera mãe... Espera que eu vou achar...

Cabrita encontra um vestido branco no meio do lixo e veste sobre sua roupa. O vestido tem uma enorme mancha de sangue na saia bem na frente do abdome. Cabrita não percebe.

Cabrita:

- Olha mãe! Agora a senhora pode me levar pro céu? Pode?...

O foco vai se apagando sobre o manequim. A mãe vai desaparecendo.

Cabrita:

- Mãe! Não vai embora não!... Mãe!...

Cabrita olha para saia do vestido e vê a mancha de sangue. Arranca o vestido do seu corpo apavoradamente e joga no meio do lixo. Corre e se esconde dentro da carroça. Luz normal na cena.

Cena 18

Cabrita:

- Posso dormir aqui com você Misericórdia?... Eu num sei pra que que eu sempre tenho esse sonho... Primeiro eu vejo a minha saia toda suja de sangue. Aí eu saio correndo pelo meio do lixo. Parece que eu fiz uma coisa muito feia, mas não sei o quê. Aí aparece um homem peludo com cabeça de bode e pé de bode. Ele segura o bracinho da minha boneca na mão, Misericórdia. Ele vai andando pra longe com o bracinho...

Cabrita desce da carroça e caminha em direção à pilha de jornais como se seguisse o homem.

Cabrita:

- Eu quero ir atrás dele... Eu vou andando atrás dele... Eu sei que tem coisa que a gente num pode fazer, que tá errado... Mas eu queria tanto pegar aquele bracinho da boneca. - *(Chega na pilha de jornais e se senta)*

Cena 19

Cabrita:

- Aí o seu polícia falou pra mim que acharam um corpo de mulher no lixão... Um corpo de mulher... Era a Dona? – Deve ser. E se for? O Seu Polícia perguntou. – Coitadinha... Morreu como? – Enforcada. Enforcada com um lenço de seda. *(Vai ficando irritada)* Olha, eu não vi mais aquela dona, eu juro... Ela não apareceu mais... Eu falei pra ela ir embora... Eu pedi pra ela não me procurar mais que eu num queria mais falar nada... Eu juro pro

senhor que eu nunca queria na vida ter encontrado aquela mulher. Antes dela aparecer eu num pensava na minha vida, eu vivia só. E ela com aquela perguntação começou a mexer aqui dentro. Meu pai falava que pensar muito adocece. É isso: aquela dona me passou essa doença de ficar pensando. Minha mãe morreu de câncer: a doença foi comendo ela e ninguém conseguiu fazer parar. Pensar é a mesma coisa: vai comendo a gente por dentro que nem frieira. E a gente pensa uma coisa e logo já tá pensando outra e num consegue parar... e eu num queria pensar mais, sabe... Eu tava cansada... Mas aquela mulher queria saber de tudo, queria perguntar tudo, parecia que ela num vivia, ela só pensava, e eu tava com o saco cheio dela, o saco cheio sabe!... E agora ela aparece morta no lixão!... – E o Seu Polícia deu um sorrisinho assim pros outros tira e falou: como é que a senhora sabe que o corpo no lixão é dela? - Eu não sei... Só tô achando... – Quanto mais eu falava mais ia me enrolando que nem um grilo numa teia de aranha. Aquela mulher era esquisita. Vou contar uma coisa pra vocês que eu num falei pro Seu Polícia. Eu vi aquela Dona mais uma vez, e ela tava muito estranha, ainda usava o oclinho, mas tava muito diferente da primeira vez que eu vi ela lá no lixão. Chegou com uma mala grande cheia de coisa e me pediu pra ajudar ela a tocar fogo em tudo. Mas o mais esquisito é que eu achei... Pode ser até doideira minha, mas eu achei que ela tava muito parecida comigo. Até no jeito de falar, sabe. Parecia que ela tava me imitando, tirando sarro da minha cara... No começo fiquei tiririca da vida, depois até achei engraçado porque me dava uma sensação de ter achado um espelho enorme no meio do lixão...

Cena 20

Cabrita arrasta uma mala velha do meio do lixão e coloca ao lado da carroça. Acende-se a luz sobre o manequim.

Cabrita:

- Tocar fogo? Olha dona, eu não quero mais conversa com a senhora não, viu?... Depois a senhora fala aí que eu toquei fogo nas suas coisa, que eu sou doida e vai é sobrar pra mim... – Já falei e fui dando as costa. Aí a dona me propôs um negócio engraçado. Eu mostrava as coisa que tinha dentro da Misericórdia e ela mostrava as coisa que tinha dentro da mala. A curiosidade é um caminhão sem freio descendo ladeira abaixo... Logo eu que vivo de fuçar as coisa... – Tá bom, então... A senhora começa...

Cabrita vai abrindo a mala.

Cabrita:

- A dona foi abrindo a mala... Tava cheio de papel, documento, foto... A primeira coisa que ela me mostrou foi uma carteira de identidade (*Cabrita pega uma carteira de identidade*)... e falou: Essa era Maria Cristina Vidal de Oliveira, 35 ano, divorciada, sem filho, signo de capricórnio, mulher forte, independente, pagou seus estudo sozinha, não teve sorte no amor, fez quinze ano de análise, formou em sociologia, fez pós-graduação na França, tinha carro do ano e apartamento próprio, não tinha bicho nem planta em casa, não tinha namorado, não tinha vontade de acordar de

manhã, tinha uma gaveta cheia de comprimido pra dormir, pra acordar, pra rir, pra falar, morreu, coitada.

Cabrita vai até sua carroça e pega uma foto emoldurada do Fernando

Collor com a faixa presidencial e mostra.

Cabrita:

- Esse era o presidente Fernando Collo... Dizem que é a foto que ficava lá no palácio em Brasília... Eu guardo porque pode até valer dinheiro, né? Tem tanta merda que vale dinheiro nesse mundo. Eu li que o povo botou ele pra fora porque ele era desonesto. Dizem que agora o povo botou um honesto lá... Eu vou dizer uma coisa, minha vida continua igualzinha. Meu pai falava que no tempo da ditadura é que as coisa andava certo, que agora virou bagunça. Dizem que agora é democracia que chama, né? Minha vida continua igualzinha... Quer dizer, uma coisa só que melhorou porque agora tem eleição, né?! Eleição é bom... sobra uma papelada na rua pra gente catar que é uma coisa doida...

Cabrita vai até a mala e pega uma carteira de trabalho.

Cabrita:

- Aí ela me mostrou uma carteira de trabalho, eu acho que era tudo dela aqueles documento e a doida ia botar fogo, pode? Bom mas ela disse: Essa é Maria Cristina Vidal de Oliveira, professora de universidade. Todos os dia ela pega o carro, enfrenta uma hora de engarrafamento e vai dar

aula numa faculdade caindo aos pedaço para mais de 400 alunos sem vontade de nada. Há muitos anos ela faz um estudo sobre lixo. Ela lê tudo que fala sobre o lixo, ela fala com gente que vive no lixo, ela filma o lixo... Ela passou muitos anos procurando no lixo uma tal de resposta. E parece que ela finalmente encontrou...

Cabrita se levanta e vai para sua carroça.

Cabrita:

- Eu não entendia nada. Tava achando aquilo era muito chato, sabe. Mas tinha feito o acordo, né? Não podia dar pra trás.

Cabrita pega um maço de cartas fechadas.

Cabrita:

- Isso aqui são cartas de amor que alguém recebeu e nunca abriu. Eu também não abro. Um dia passei numa rua e tava saindo o enterro de uma velhinha, a dona Julieta, (*Mostra a carta*) tá aqui o nome dela. No outro dia encontrei as cartas tudo no lixo. Não tem remetente mas eu sei que é carta de homem e é carta de amor, eu sinto o amor aqui dentro do envelope. Minha mãe falava que eu era médium porque eu pego as coisas no lixo e sinto a história delas. Essas cartas são tudo de amor mas a dona Julieta nunca abriu. Não abriu mas guardou a vida toda nas gavetinhas da alma dela. Guardou com carinho. Eu fico matutando duas coisas: uma é

porque que as coisa as vezes num dá certo, mesmo quando tem amor...
e duas é porque que a velhinha guardou as carta e jogou o amor fora...

Cabrita vai até a mala e pega uma foto de criança.

Cabrita:

- A mulher enfiou a mão na mala e do meio daquele montão de foto tirou uma foto de uma menininha de vestido branco, sentada em cima de uma mesa com cara de choro e com uma chuca no cabelo. Essa é Maria Cristina Vidal de Oliveira, uma menina que gostava de correr, que queria subir na árvore mais alta, jogar bola, brincar na terra, mas que não podia nunca sujar o vestido, então ela aprendeu a ficar quietinha esperando um final feliz que ela sabia que ia acontecer porque no final da história tinha o tal do príncipe encantado que vinha resolver tudo. Só que um dia ela acordou e descobriu que a história já tinha acabado fazia muito tempo e que ela era grande demais para subir na árvore e que a coisa que ela mais tinha medo no mundo era de sujar o vestido.

Cabrita pega na mala uma echarpe idêntica a que está no pescoço do manequim. Brinca com a echarpe em volta do pescoço.

Cabrita:

- A Dona tirou um lenço bonito de dentro da mala... Eu fiquei pensando se eu tinha uma coisa tão linda assim dentro da Misericórdia... Mas ela não

falou nada sobre o lenço. Ficou parada olhando com aquele jeito estranho pra mim.

Cabrita coloca o lenço de volta na mala, vai até a carroça e tira de lá um livro e de dentro dele uma flor seca.

Cabrita:

- Isso aqui é o meu tesouro... Esta é a flor da primeira vez... Era de uma menina que conheceu um menino uma vez no meio de um lixão. Eles se gostava muito e vivia grudado que nem arroz que cozinhou demais. Eles andava os lixão junto, carroça do lado de carroça... Um dia ele deu uma rosa vermelha pra ela assim... e ela deitou com ele dentro da carroça e eles fizeram uma coisa muito feia. Uma coisa que ela nunca tinha feito e nunca tinha de fazer. Quando a mãe dela descobriu, ela não pôde mais ver o menino. Então ela guardou a flor de lembrança mas a mãe dela pegou a rosa e jogou no lixo... E eu fui lá no lixo e peguei a rosa e guardei pra menina.

Cabrita vai até a mala e tira um maço de folhas de papel ofício impressa.

Cabrita:

- Isso aqui é um trabalho sobre o lixo...

Cabrita pega a echarpe novamente dentro da mala.

Cabrita:

- Posso colocar isso no seu pescoço? – A dona perguntou pra mim. Era bonito o lenço, fininho...

Cabrita olha para as folhas de ofício.

Cabrita:

- Isso aqui é uma vida de trabalho sobre o lixo... Quanto tá pagando o quilo do papel, mesmo? Não me fala, eu sei, é Quinze centavo... Mas isso se for papel branco, né Cabrita? ... Esse eu enchi de letrinha, enchi de besteira... Agora eu quero o papel branco de novo... Sabe como a gente faz o papel ficar branco de novo, Cabrita? Posso colocar esse lenço no seu pescoço?... Vai ficar tão bonita... Vem Cabritinha, vem... Deixa eu colocar esse lenço no seu pescoço... Vem...

Cabrita segura nas duas extremidades do lenço e ergue sobre a própria cabeça. Vai baixando o lenço sobre o pescoço, amarra com um nó deixando as pontas para trás.

Cabrita:

- A Dona colocou o lenço no meu pescoço... Eu nunca senti uma coisa tão macia... Tinha até um perfume doce... De repente me deu um frio na espinha e o coração falou de novo. - Agora eu preciso ir embora, a senhora toca fogo nas suas coisa sozinha. Fui tirando o lenço do pescoço e ela falou : - Não! Deixa eu filmar você com o lenço. Ela botou a

camerazinha dela apoiada na Misericórdia, apertou um botão lá e veio perto de mim e me abraçou. Ela falou: - Olha pra lá e sorri que tá filmando. Depois ela ficou atrás de mim e falou que só queria que eu aparecesse na filmagem.

Cabrita olha para frente e sorri. Leva as mãos novamente às pontas da echarpe e começa a apertar o laço sobre o próprio pescoço. Vai se enforcando. A luz vai caindo sobre ela até o escuro total. Luz se acende sobre a pilha de jornais. Cabrita entra e senta-se na pilha de jornais.

Cena 21

Cabrita:

- E o Seu Polícia deu um sorrisinho assim pros outros tira e falou: como é que a senhora sabe que o corpo no lixão é dela? - Eu não sei... Só tô achando... - Quando eu pensei que tinha ido tudo pro brejo mesmo o Seu Polícia bufou assim todo cansado e falou: a senhora é uma mulher de sorte, Dona Cabrita, porque aquela outra dona sumiu e levou com ela tudo quanto é registro, documento, foto dela, até a ficha do dentista tomou chá de sumiço... - Eu num falo pro senhor que tem gente doida nesse mundo. – Depois, não apareceu ninguém pra fazer a identificação. Então, sendo assim, o corpo do lixão num é de ninguém porque a polícia num conseguiu identificar a tal mulher que tá lá morta. E sem um morto, num tem criminoso, certo Dona Cabrita? – Tá certo, tá certíssimo. Quer dizer

que agora eu posso ver a minha Misericórdia? – Leva a Dona Cabrita até a carroça e depois põe as duas na rua. – E assim foi.

Cabrita corre até Misericórdia.

Cena 22

Cabrita:

- Oi Misericórdia, tá boa você tá? - O policial abriu o portão e falou assim: chispa! E eu chispei.

Cabrita puxa a carroça, mas parece que Misericórdia está muito mais pesada do que nas outras cenas. Ela arrasta a carroça com dificuldade.

Cabrita:

- Parei bem longe da delegacia... *(Para Misericórdia)*... Deixa eu ver se tá tudo aí dentro...

Cabrita procura algo na carroça. Pega uma fita de vídeo escondida dentro de um saco.

Cabrita:

- Ainda bem que tá aqui... Pensei que os polícia ia achar a danada. Maldita hora que eu guardei essa fita, Misericórdia, tanto chão e eu ainda num aprendi que tem coisa que a gente tem mesmo que jogar fora... – Então

foi assim. De lá pra cá a vida num mudou nada, só a carroça que ficou mais difícil de puxar... Acho que foi o parafuso que afrouxou de vez... Mas agora deixa eu ir embora que esse negócio de ficar de papo com gente estranha na rua acaba sempre em dor de cabeça.

Cabrita atira a fita de vídeo no meio do lixão e vai saindo de cena com a carroça. A luz vai caindo. Cabrita passa pelo manequim e pega os óculos que colocou nele. Entra nas TVs a seguinte imagem enquanto ouvimos a voz da mulher em off: uma carroceira tendo um lixão ao fundo olha para a câmera e sorri, ela tem o lenço de seda amarrado ao pescoço com as duas pontas para trás. Uma mulher sai de onde está a câmera e pára ao lado dela. Dá-lhe um abraço e diz: - Olha pra lá e sorri que tá filmando. Descobrimos que esta mulher é a Cabrita que estava no palco. As duas estão sorrindo e a imagem é congelada.

Voz de mulher:

- Reciclar a vida urgentemente. Triturar as mágoas, as tristezas, os sonhos, as fotos de família, as certezas, principalmente as certezas. Ver-se imensamente nu e vazio como no início num exercício mortal de desapego. Abrir os dedos retesados, feridos e deixar todos os pássaros fugirem. Baixar as cangas ao solo cheias do precioso lixo, dos valores imprestáveis e carregar somente o compromisso com a vida. Morrer em praça pública, morrer a morte simbólica das cigarras que explodem, morrer como o sol do ocaso... Morrer imediatamente... Como uma semente... Como uma semente.

Black out. **Fim.**